

O folclore em perigo

Renato Pacheco

A mudança social advinda da revolução e a globalização da economia colocam em perigo todas as manifestações culturais ditadas folclóricas.

A própria palavra folclore se abastardou, e significa ora anedotário político, ora tipo popular "folclórico", quando, na verdade, ela diz respeito a inúmeros fatos objetivamente observáveis, com classificação própria, que muitos incluem entre as chamadas ciências sociais.

Alguns fenômenos de folk sofrem mais que outros.

As festas populares têm sido influenciadas por patrocinios, com exigência (dentro da filosofia do capitalismo) de que as doações constem dos uniformes dos participantes, à moda de embates desportivos, absurdo que fere a autenticidade dos folguedos. Esta averiguação foi feita por diversos fotógrafos especializados, e me foi transmitida pelo companheiro de tantas jornadas, Professor Luiz Guilher-



me Santos Neves.

Recentemente, em Conceição da Barra, a pretexto de garantir a segurança de navegação num rio tão calmo que os índios o chamavam de Cricaré, que em língua tupi significa "preguiçoso", uma autoridade federal de marinha com suas exigências descabidas prejudica o Ticumbi, auto-

guerreiro que se realiza há quase 200 anos. A imprensa noticiou o fato e espera-se que tal não ocorra no próximo ano. A par disso, agressão mais grave e dificilmente solucionável, tem sido feita pela cultura de massa, observação que me trouxe, recentemente, o grande folclorista, fotógrafo-jornalista e administrador Rogério Medeiros: os meninos e meninas, através do rádio, e um pouco pela televisão e trios elétricos, se habituam com o tom da música dos ritmos da moda, os raps, os tchans, etc., e depois sentem dificuldade ao acompanhar as tradicionais toadas de seus antepassados, mais lentas, à moda do cantechão religioso.

A mesma fonte lembra, com peruciência, que inúmeros homens de "folk" aderiram, ultimamente, a diver-

sas seitas evangélicas, e como tal são proibidos de tocar sua viola, seu pandeiro, salvo para fins estritamente religiosos, quando sabemos que o catolicismo português (não jesuítico) sempre foi liberal com o povo, admitindo boa dose lúdica em seus autos representados, à porta e à sombra das capelas interiores e Igrejas cidadinas.

A medicina popular tem sido vítima de apropriação, por parte de laboratórios do Primeiro Mundo, de nossos remédios da flora. Sintetizadas, as tinturas são patenteadas, e nossos raizeiros da Praça da Sé em São Paulo, ou da Costa Pereira em Vitória poderão ser processados por contrafação, expondo à venda produto já protegido pela legislação de marcas, nosso quebra-pedra diurético sobe de preço e não pode frequentar a casa do pobre.

O folclore das crianças (pobrezinho dele, pobrezinhas delas) tem sido a vítima predileta dos videogames e sexinternets da vida. Há crianças, segundo me contam, que ficam dias e dias dentro de casa, mexendo, passivamente em bonequinhos que acabam fulminados por estranhos seres, terrestres ou não. Onde andam

as cantigas de roda, encanto das meninas de ontem? E as bolinhas de gude, com suas barquinhas e seus pavões? E as raiais, o pique tão saudável? Há uma série de brincadeiras infanto-juvenis tão nossas, tão humildes, tão socializadoras (numa época em que se fala tanto em inteligência emocional) que é uma pena estarem tantos meninos se estiolando solitariamente em frente a um vídeo.

Existem três conhecimentos básicos que todo cidadão consciente deve ter: sua geoeologia (o espaço e sua preservação); a evolução histórica de sua terra (o tempo) e as tradições populares que dão características próprias ao lugar em que se vive.

Saudosismo à parte, temos que empreender uma cruzada ampla em prol da preservação do que é autenticamente nosso, bandeira que, há meio século, foi levantada por Mestre Guilherme Santos Neves, e empunhada depois por seus filhos Luiz e Reinaldo, por Hermógenes Lima Fonseca, Rogério Medeiros, Adelzira Madeira e hoje por Reginaldo Salles, Elionar Carlos Mazoco, Fernando Pignaton e tantos mais que amam a nossa terra!

Renato Pacheco é escritor e membro honorário da comissão Espírito-Santense de Folclore.

(Extraído de "A GAZETA" de 31/01/97)

"Temos de empreender uma cruzada em prol da preservação do que é autenticamente nosso"

Contra a privatização do Banestes

Orlando Moraes

É perfeitamente compreensível a ansiedade de homem sério como o governador Vitor Buaz, pouco afeito às sutilezas e às peculiaridades do mundo financeiro, com a difícil crise que atravessa o Estado, sem disponibilidade para pagar em dia sequer seus funcionários.

Entretanto, não dá para entender que agentes do Governo federal (cujo chefe também faço o crédito de total seriedade), para socorrer nosso Estado com um pequeno empréstimo de 300 milhões de reais, exijam a venda de nosso Banestes, dentro desse duvidoso programa nacional de privatização.

Conheci muitos bancos, banqueiros e bancários, antigas casas bancárias desta Capital e de outras cidades, grandes comerciantes do interior do Estado, que a-do-ra-ram ser correspondentes de bancos e financiavam os produtos de café, agiotas que hoje seriam considerados santos, mas, no meu tempo, eram execrados e odiados por cobrarem 3 a 4% ao mês, de juros. Fui íntimo de seu Manduca, o financista lá



do mato, que também gostava de emprestar dinheiro aos amigos, no máximo a 2% ao mês, e nunca vi ninguém fazer a exigência de venda do patrimônio do tomador de empréstimo, mesmo porque, contra esta prática, até as mulheres, intuitivamente, ficariam contra.

Aliás, o país vive dias de incerteza e intranquilidade, diante dessa nova classe de tecnoburocratas, que dirigem autoritariamente nossa economia. Não se pode negar o sucesso do Real, como moeda, o que se deve em boa parte à sustentação de sua paridade ao dólar e à sua gestão através da URV, que, durante sua vigência, pela primeira vez, manteve o salário sem perda, o que nada mais foi do que uma indexação tão combatida por seus autores.

Afora esse êxito da moeda, em outras áreas, o desempenho das autoridades econômico-financeiras vai indo mal.

A abertura à concorrência estrangeira não foi feita com a devida prudência, de forma a evitar a redução excessiva de nossa atividade empresarial; a balança comercial acusa déficits

crescentes e preocupantes; cresce bastante o serviço de juros de nossas dívidas interna e externa; nossas reservas em dólares são exageradamente altas e possivelmente atendem mais a interesses privados suspeitos do que aos do Tesouro Nacional; as taxas de juro estão em níveis insuportáveis para atividades legítimas e são inexplicáveis em face de reduzida inflação; o compulsório de 100 ou 90%, a favor do Banco Central, impossibilita o funciona-

mento normal da rede bancária; os bancos oficiais e seus funcionários estão sendo desprestigiados e desmoralizados pelas próprias autoridades monetárias; enfim, o desemprego atinge e

assusta os trabalhadores mais modestos, desajusta-os ou os transforma em bandidos assaltantes e seqüestradores.

Será que tudo isto está acontecendo para criar um clima favorável à privatização? No que se refere a bancos, posso assegurar que é um erro grave.

A sociedade vai reagir e o Governo terá de atender às suas conveniências. Já possuímos uma poderosa rede bancária privada e, para manter seu

equilíbrio e evitar atividades especulativas no sistema financeiro que, por sinal, já existem e podem aumentar mais ainda, é indispensável a manutenção dos atuais bancos estatais, principalmente o Banco do Brasil, e um em cada Estado, como agentes arrecadadores do Governo e como financiadores das atividades essenciais.

É claro que todos, ou quase todos, necessitam ser reestruturados, saneados financeiramente e reorganizados, com melhor preparo e valorização do material humano, sem desprezo pela tecnologia.

Portanto, o governador Vitor Buaz não deve admitir a privatização do Banestes porque, com a inevitável correção das distorções existentes, principalmente a redução do compulsório, os Bancos passarão a dar bastante lucro. E o nosso Banestes, com uma administração austera e rigorosa, que não atenda a empréstimos de favor e sob influências políticas, poderá até ajudar no pagamento dessa pequena dívida de 300 milhões de reais, que o Estado está fazendo junto ao BNDES.

Orlando Moraes é escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico.

(Extraído de "A GAZETA" de 06/11/96)

"Afora o êxito do Real, em outras áreas o desempenho das autoridades vai indo mal!"

O tempo da revitalização

Paulo Hartung

No compasso do tempo, o relógio parou. Era como se simboliza-se o fim dos tempos de outrora, de uma época em que a Praça Oito, assim



como o centro da cidade, era palco de movimentação cultural, social e política. Antes de os ponteiros pararem, foram-se os acordes do hino capixaba, numa desfiguração iniciada com o revestimento em mármore e a fixação do borrão publicitário.

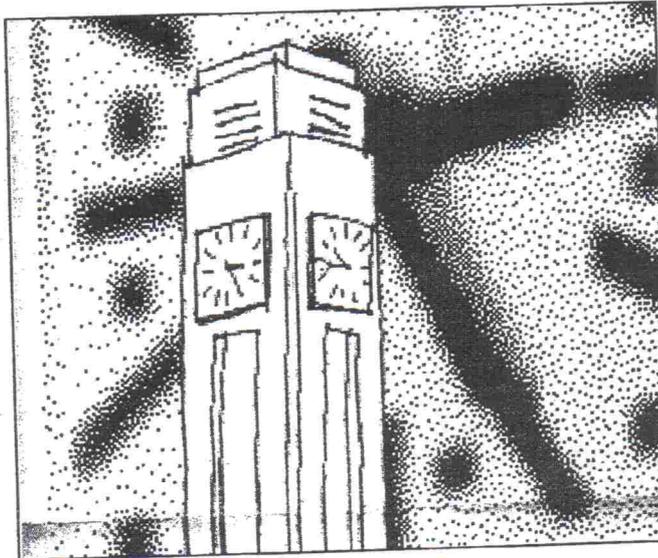
Não para voltar ao passado, mas para revitalizá-lo, para trazer dele os sentimentos e sensações que nos fazem sentir cada vez mais em casa e reforçam nossa identidade, o tempo e a música do relógio estão e volta. Na próxima sexta-feira, ao meio dia, os sete primeiros acordes do Hino do Espírito Santo vão anunciar vida nova para relógio da Praça Oito, que estará funcionando normalmente, emitindo sons de hora em hora.

A Praça Oito também foi revitalizada. Se o alinhamento das avenidas não permite a volta de sua configuração original, os traçados do passado estão marcados num mosaico em pedra portuguesa no piso da praça.

Com a torre do relógio, inaugurado em 1942, foi possível voltar à configuração original. No lugar do mármore branco e rosa, colocado em 1972, voltou o grande preto nos 2,5 metros da base e argamassa polida texturizada de pó-de-pedra no restante dos 16 metros de torre, conforme projeto original do engenheiro mecânico e especialista e especialista em armas e relógios, João Ricardo Hermamm Schorling.

Para garantir o funcionamento adequado do relógio, foi instalado um sistema eletrônico de ajuste de tempo e de acionamento de badalos musicais. As obras, incluindo a revitalização da praça, que passa a contar com novo paisagismo, ponto de ônibus e bancas padronizadas, custaram R\$ 260,4 mil.

A restauração do relógio e da Praça Oito faz parte do Projeto de Revitalização do Centro que, em nossa administração, além de um volume crescente de obras, obteve uma importante conquista: o impor-



tante efetivo da sociedade. Esse envolvimento comunitário é primordial para o sucesso d plano, até porque a ação pública tem limites. Essa nova fase se constata com a recuperação das sedes do Itaú, no Bic Banco, da Câmara de Diretores Lojistas e da Loja Bossanel, no Mercado da Capixaba, além de várias lojas e hotéis.

A medida em que a restauração e a preservação da história deixam de ser ações exclusivas do Poder Público e de alguns poucos, passando a ser compartilhadas com a sociedade, consolidada-se, irreversivelmente, o processo de revitalização. É uma Vitória.

Até chegar a esse importantíssimo momento, a revitalização do Centro cumpriu uma história de mais de dez anos, período em que o poder público teve de alavancar o processo e provar a sua importância.

A origem da revitalização é a Lei 3.158/84, que implementou o Plano Diretor Urbano em Vitória. Com ela, definiram-se os padrões de classificação dos imóveis históricos e criou-se a isenção do IPTU para quem restaura e preserva tais construções. Entre 1986 e 1987, professores e alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo elaboraram os estudos iniciais para efetivação do programa. De 1989 a 1992, realizaram-se as primeiras obras, entre elas a restauração do prédio da Escola de Arte Fafi e do viaduto Caramuru.

Elegemos a revitalização do

Centro como um dos projetos prioritários de Governo. Uma revitalização que contemplasse, além do aspecto cultural, os fatores afetivos, sociais e econômicos da região, com o envolvimento da sociedade e melhorias na qualidade de vida.

Os Estudos do arquiteto e professor da USP Nestor Goulart vieram fundamentar cientificamente o trabalho.

Instituímos, com a reformulação do PDU em 1994, um novo mecanismo de fomento à preservação de imóveis no Centro: o incentivo construtivo. Com ele, permite-se a edificação, em determinadas regiões da cidade, de área equivalente à diferença entre o total que é permitido edificar no terreno, se esse estivesse vazio, e o que já está construído e se quer preservar.

Por exemplo, o proprietário de um terreno com potencial construtivo de 1.500 metros quadrados de área, onde localiza-se um imóvel histórico de 500 metros quadrados, poderá edificar em outra região o saldo de mil metros quadrados, assim como vender esse direito a terceiros.

Recuperamos todas as escadarias históricas da cidade, entre elas Bárbara Lindenberg (do palácio), Maria Ortiz, São Diogo e a Carlos Messina. Reconstruímos a Praça da Catedral, restauramos a Praça Misael Pena e remodelamos a Rua Sete. Iluminamos o Penedo e prédios como o Teatro Carlos Gomes, a Catedral de Vitória, a Igreja Presbiteriana e o Convento São

Francisco. Restauramos a Igreja São Gonçalo e o prédio da Escola São Vicente de Paulo. Em parceria com a CST e a CVRD, recuperamos e efetivamos a manutenção do Parque da Gruta da Onça e do Parque Moscoso. A Igreja do Rosário, totalmente restaurada, será entregue no dia 27.

Num caminho inverso ao da maioria, levamos para o Centro repartições públicas: a Casa do Cidadão foi instalada num charmoso sobrado da Avenida Cel. Monjardim e a sede da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo instalou-se no segundo pavimento do Mercado da Capixaba, restaurado exclusivamente para esse fim. Estamos reformando um imóvel para abrigar o Centro de Referência em Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids, no Parque Moscoso.

A criação do Projeto Via Fafi, shows musicais gratuitos às sextas-feiras, duas vezes ao mês, e as atividades culturais e artísticas da Escola de Arte também contribuem para a revitalização do Centro.

A implantação da Polícia Interativa a potencialização e ampliação da iluminação pública, a construção de abrigos de ônibus, a execução de drenagem e limpeza pública, entre outras realizações, fizeram-se dentro da nova e ampla proposta de revitalização do Centro. A ação social, que visa, entre outros, à retirada de crianças e adolescentes das ruas e o atendimento a migrantes e mendigos, também contribui para revigorar o Centro.

Berço de Vitória – lá está a Capela de Santa Luzia, imóvel construído antes mesmo da fundação da cidade –, o Centro não pode ser abandonado. Além disso, essa região recebeu altíssimos investimentos em infra-estrutura, que não pode ser desperdiçada.

Os acordes musicais e o relógio da Praça Oito farão mais que tentar amenizar os ruídos do ambiente urbano e fornecer a localização no tempo. Eles vão funcionar como símbolos concretos de que a revitalização do Centro é viável e fundamental para a cidade e seus cidadãos. Os sons e o relógio funcionarão como uma máquina do tempo, reavivando o passado, alertando para o presente e mostrando que o futuro pode ser mais agradável.

Paulo Hartung é prefeito de Vitória.

(Extraído de "A GAZETA" de 17/12/96)

"Os traçados do passado estão marcados num mosaico em pedra portuguesa no piso da Praça Oito"

PARTO DIFÍCIL

Julio de Oliveira Pinho

Um episódio tão trágico como pitoresco:

É na verdade pitoresco quando visto de fora e à distância como agora, mas bastante sério e talvez escabroso se vivido ou presenciado naqueles idos de 1955, salvo erro.

Na parte da manhã de um dia ensolarado, o feitor foi apressado chamar o engenheiro agrônomo responsável pela estação para ir fazer um parto na esposa de um trabalhador que estava passando mal.

O agrônomo voltou-se para o feitor e disse que desse assunto nada entendia.

O feitor muito desapontado perguntou:

— Mas o senhor não é doutor ?

Quando chegaram na casa da parturiente o responsável pela estação soube das mulheres apertadas na porta de casa, que a situação estava muito difícil, que a "parteira" já havia feito tudo o que era possível. Enquanto isso a garotada furava por entre as pernas da mulher para ver o espetáculo, mas logo saía avisando que já tinha sangue pelo chão.

A "parteira" era uma velha descendente de índios que não largava o cachimbo e precisava inspirar-se numa boa pinga para pôr à prova a sua eficiência profissional. Ela tinha muita prática, o que vale dizer que já várias infelizes pacientes haviam passado pelas suas mãos "esterilizadas" pela nicotina

e pela cachaça.

Mas desde a madrugada que ela punha à prova toda a sua experiência e usava de todos os meios aprendidos dos antepassados silvícolas. Mas a criança não nascia.

Fez reza; usou boa pimenta e fumo de rolo para expulsar o feto, mandou encostar a mártir na parede, de pé, segura por homens que se revesavam, para forçar o parto por gravidade, já que a gravidez era a causa de todo aquele problema infernal; mandou então colocar o cabresto dum burro na cabeça daquela infeliz. Marido e sogro assistiam à cena resignados pela cachaça.

Como nada disso surtia o menor efeito, enfim se deu por vencida, tomou mais uma boa pinga, sentou-se no chão, puxou uma forte cachimbada e confessou, com sinceridade, em voz alta e bom som que de sua parte nada mais poderia fazer. E se alheou do problema.

Então alguém lembrou que na cidade de Venda Nova havia uma famosa parteira formada, a bem conhecida D. Brígida Feitoza.

O mais curto acesso era o cavalo mas havia uma mais longa e precária estrada que dava passagem a jeep.

O responsável pela Estação correu lá num velho jeep, único meio de transporte de que dispunha, e implorou a vinda imediata da

atenciosa D. Brígida, já acostumada a enfrentar semelhantes "abacaxis".

Ela mandou que o agrônomo visse na frente porque ela preferia fazer o trajeto a cavalo.

Foi um alívio quando a nova parteira chegou, porque trouxe a esperança de salvação para a mãe e a criança. Todos acreditaram na sua capacidade profissional. As mulheres viveram momentos de autêntico apoio moral, talvez mais sincero do que os movimentos nacionais organizados para emprestar solidariedade a grandes vultos nacionais que por ventura, se encontrem entre a vida e a morte.

D. Brígida entrou confiante no quarto e passado algum tempo saiu sorumbática, se dirigiu ao agrônomo e disse que o caso era muito grave; que a criança já tinha sido morta pelas canhetas mãos da pobre e "velha parteira", disse que havia aplicado adequadas injeções para forçar o parto mas que se nada resultasse talvez nem a mãe sobrevivesse.

O encarregado da fazenda se ofereceu para levar a paciente para Castelo ou qualquer outro lugar de mais recurso, mas D. Brígida respondeu que ela não aguentaria a caminhada devido a hemorragia.

Nada mais se poderia fazer senão aguardar, e de novo voltou melancólica para junto da paciente.

Foram momentos de expectativa.

Finalmente a responsável parteira saiu sorridente, dizendo que o caso estava resolvido, embora a criança tivesse nascido morta.

Nesta altura essa solidariedade humana se materializou. Algumas pobres mulheres se ofereceram para trazer galinhas, outras para fazer a tradicional canja, outras ainda para limpar a casa e cuidar da paciente com chás milagrosos capazes até de espantar os cachorros famintos da porta da cozinha.

No fundo talvez este pessoal se sentisse sob a mesma triste sina, visto que entre todas elas a gravidez ocorria em curto espaço de tempo.

Era o que Deus dava!...

Mas para triste desfecho deste episódio, a querida D. Brígida quando voltava sozinha para casa a cavalo, porque não aceitou o jeep, descendo um barranco, caiu do cavalo e deslocou o pé.

Que todo o benfazer e tantas angústias acumuladas carreguem um dia para o céu a saudosa D. Brígida.

PS. Por questão de respeito à dignidade individual, omitimos o nome da pobre "parteira".

NOTICIÁRIO

FALECIMENTOS

O ano de 1996 não foi nada bom para o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, que perdeu três dos seus mais atuantes e queridos membros: Hermógenes Lima Fonseca, Ivo Amâncio de Oliveira e Carlos Teixeira Campos.

MEMBROS DO IHGES LANÇAM LIVROS

O ano de 1996 foi pródigo em lançamento de livros, por parte dos integrantes do Instituto. Lançaram livros os seguintes consócios: Américo Menezes (História), Ivo Amâncio de Oliveira (Poesia), José Moysés (Crônica), Graças Neves (Poesia), Humberto Del Maestro (Poesia e Conto), Berredo de Menezes (Poesia), Pedro Teixeira (Homenagem a Homero Mafra), Nara Saleto (História), Maria Helena Siqueira (Literatura Infantil), João Bonino Moreira (Romance), Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa (História), Renato José Pacheco (História), Athayr Cagnin (Poesia), Luiz Busatto (História), Ester Abreu Vieira de Oliveira (Crítica) e Francisco Aurélio Ribeiro (Crítica), Luís Guilherme Santos Neves.

GERALDO MATOS ASSUME GABINETE NA UFES

O consócio Geraldo Matos, professor-doutor do Departamento de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo assumiu a chefia do gabinete do reitor daquela universidade. Ao Reitor, os parabéns desta Casa pela brilhante escolha. Também a consócia Wânia Malheiros Barbosa Alves foi nomeada Secretária Municipal de Ação Social. De parabéns, pois, o prefeito.

II JORNADAS DE NAVEGAÇÕES

O IHGES promoveu de 06 a 08 de novembro do ano passado, as II Jornadas de Navegações, preparatórias das comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil. Na oportunidade, o professor José Sebastião Witter, da USP e Diretor do Museu Paulista, proferiu brilhante palestra sobre o assunto. Além da palestra do visitante, houve também palestras e comunicações formuladas pelos consócios Paulo Stuck de Moraes, Armando Marques, Cristiano Woelffel Fraga, Francisco Aurélio Ribeiro, Renato Pacheco, Neida Lúcia Moraes, Hércules Dutra Campos Filho, Geraldo da Costa Matos e Carlos Nejar, da Academia Brasileira de Letras, cuja palestra versou "As navegações na obra de Camões".

CENTENÁRIO DE ALMEIDA COUSIN

No dia 15 de dezembro deste ano, o IHGES promoverá as comemorações alusivas ao centenário de nascimento do escritor José Coelho de Almeida Cousin, grande benemérito do Instituto. Na ocasião, serão lançados inúmeros livros, entre os quais os últimos fascículos da "História Panorâmica da Literatura", de Almeida Cousin. Será também conferido um prêmio literário a um escritor capixaba pelo conjunto de obra.

OUTROS CENTENÁRIOS

Além do centenário de Almeida Cousin e do IV centenário de Anchieta, que o IHGES comemorará, no ano de 1997, ocorrerão também os centenários de nascimento de Virgínia Tamanini, Nilo Bruzzi, Ciro Vieira da Cunha, Ernesto da Silva Guimarães e Eurípedes Queiroz do Vale, além do centenário de falecimento do padre Antunes de Sequeira.

FREDERICO ASSUME A AEI

Com o licenciamento, por motivos de saúde, do presidente Oswaldo Zanella, o consócio Frederico Teixeira Filho assumiu a presidência da Associação Espírito-Santense de Imprensa. Frederico, além de 1º vice-presidente, é também o editor do Jornal da AEI.

A Poesia é Necessária

SENHOR...

É do passado que venho eu.
— Somando horas, minutos
— O tempo...
Estradas dos homens.
— Caminho de Deus.
Buscando o amanhã.
Um futuro menos dolorido
Melhores dias, para nossos Irmãos.
— O pão que não comi.
Eis aí a alegria da Paz...

José Hygino de Oliveira
(Taneco)

NIHIL

Vidaboba, vidatola,
vida à toa, vidaoca.
Já deixei bem pra trás
o meio século
e até hoje neca, nadafiz.
Vidatola, vidaoca.
E se me perguntarem:
— "Mas não casaste
e tiveste filhos?"
— "Isso qualquer capadócio faz",
responderei.
O que não fiz
foi gol de bicicleta,
foi a Nona Sinfonia,
foi o Macbeth,
fez viagem à lua
e a vacina contra AIDS.
Nadafiz.

João Bonino Moreira

CEIFA

(*Epitáfio para Ayala e Sérgio Caliani*)

Não me assusta saber o nada que somos, e
que sempre soube,
mas perceber, tão tarde,
este nada, que tu eras tanto para mim.
Chegada a minha, não a tua hora,
outros que te enterrem, meu amigo:
estou por te semear.

Henrique Geaquinho Herkenhoff

QUEM VEM PRA FICAR

O sol da liberdade
um dia vai aparecer,
lute nordestino,
lute mesmo até morrer.
Não importa o que você tem,
não importa a sua idade,
só importa a sua idade,
só importa que no "tem-não tem"
se encontre a liberdade.

Vai buscar... vai buscar,
seu filho precisa comer.
Vai lutar... vai lutar,
da vida só resta viver.
Escuta a seu berimbau,
capoeira nasceu prá brigar,
não pense que o mundo é mal,
agora vamos cantar

O sol da liberdade
um dia vai aparecer,
lute nordestino,
lute mesmo até morrer.

Não importa o que você tem,
não importa a sua idade,
só importa o que "tem-não tem"
se encontre a liberdade.

Vem trazer... vem trazer...
a gente precisa lutar,
a gente precisa morrer,
quem vem é para ficar,
prá ver seu filho crescer...
quem trás a certeza nos dá
que fica e vai aprender
... que o sol da liberdade
um dia vai aparecer.

Heraldo Brasil
(junho/68)

*Versos musicados por Tião Oliveira, 3º
colocado (Canarinh de bronze) do 1º Festival
Capixaba de Música Popular Brasileira, 1968)*

UM ESTRANHO

Estranho
No ninho
Querendo um afago
Querendo Carinho
Procura seu dono
— Não há de achar,
Saiu tão sozinho
— Não vai encontrar.

Tacy Cabral Zardini

PRECE

Que
a nossa viagem
ao infinito
dos tempos
seja em barco
à vela
com ventos
brandos
e mar
tranquilo

Antônio da Silva Monteiro
(Pedra Azul - 07/11/1996)

LUGAR COMUM

Era um verdadeiro lugar comum
a flor entre as flores
na sacada de gerânios
a mulher bonita de blusa vermelha
compondo um único jardim

Ela não me viu
e foi melhor assim
porque não gastamos palavras
sempre inúteis na magia do instante
e na beleza pura da imagem

Eternos poucos minutos
no mistério daquele retrato
no segredo de ver sem ser visto
aquela espontânea miragem
moldura viva da pintura

A flor entre as flores
saiu da sacada
e o jardim morreu de encanto
e me restou a memória
imitação pequena do sonho

Xerxes Gusmão Neto

ELEGIA

Eu queria ter lágrimas para chorar a tua
ausência durante os dias que me restam.

Mas dos meus olhos não brotam lágrimas: E
sim em meu coração há ressentimento de tê-
la conhecido...

Nosso caminho é o mesmo.
Mas não é a mesma a nossa cama.

Você apareceu.
— Não é tarde.
— Há tempo ainda...
— Seja bem vinda!...

Taneco

A mais nova imortal da AESL

Francisco Aurélio Ribeiro

Magda Lugon, capixaba de Muqui, juíza, e uma das mais gratas revelações da literatura em terra capixaba, nesta última década. Seu primeiro livro, *A pequena flor*, publicado em 1992, não anunciava a escritora madura que iria revelar-se nos seus livros posteriores, *Os limites do reino*, haikais, 1993 e *Em sustenido maior*, contos, 1995. Constituído de máximas filosóficas, crenças espiritualistas e, sobretudo, humanísticas, *A pequena flor* era a profissão de fé de um ser humano e a sua crença nos valores universais e essenciais da vida. Para nós, estudiosos da literatura, não era uma obra literária com os valores que acreditamos que ela deve

Seu segundo livro, *Os limites do reino*, é que nos apresenta a Magda escritora, técnica em fazer versos em uma arte milenar, os haikais, de origem oriental e de prática muito difundida nestes dias em que a arte valoriza a síntese, a conclusão, o minimalismo, o flash do cotidiano e da sensação.

Em *Sustenido maior*, Magda Lugon explora uma outra espécie literária das mais cultivadas, o conto, a "short story". Com humor ou amargura, saudosismo ou intenso lirismo, a autora se reduplica na personagem de *A pesca*. "Era uma vez uma pescadora. Uma pescadora que pescava perguntas ao mar" (p. 51).

Em 1995, outra boa surpresa vem confirmar os méritos literários de Magda Lugon. Sai vencedora no

concorridíssimo concurso literário capixaba premiado anualmente pelo DEC, com a obra *Janelas*. A surpresa se estende quando vemos a obra e vemos que é constituída, integralmente, por sonetos. Mas como? Sonetos?! Será que a trindade parnasiana do século passado e seus milhares de seguidores deste século já não esgotaram a forma até a última gota? Caro leitor, eu e o júri podemos afirmar-lhe que não. Magda Lugon é capaz de explorar todos os clichês do gênero "soneto", para dar-lhe uma nuance nova. Leia por exemplo, *Prelúdio prelo*, e veja como a autora joga com palavras antigas como "prélios" e "prelo", "refrões" e "crivo", "taramela" e "vate" construindo uma preciosidade desta:

"Que importa a porta e como se comporta

se a nossa base é mais luar, mais festa,
se a mesma faca, fraca, já não corta

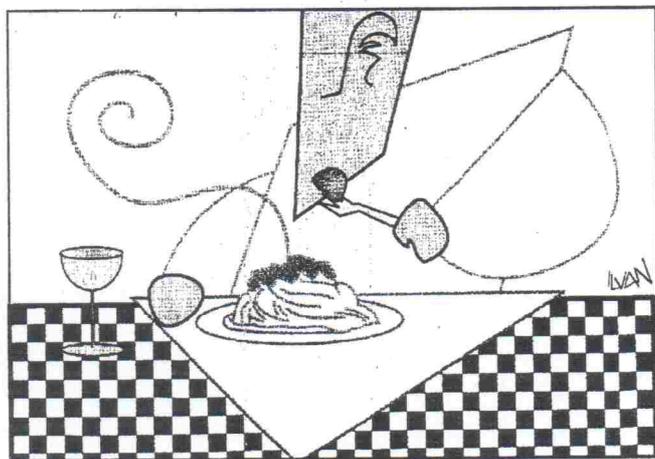
o que querem Deus, nem Demo nos contesta?"

Rimas internas, assonância, antonomásia anítese, aliteração, tudo quanto é recurso estilístico está aí, para exercício das aulas de Teoria da Literatura a Lírica, para prazer dos apreciadores do verso bem elaborado e sobretudo para deleite de todos os que agora terão o prazer e a honra de conhecer essa extraordinária poeta, Magda Lugon, a mais recente imortal da Academia Espírito-Santense de Letras.

O autor é escritor e professor da Ufes

(Extraído de "A GAZETA" de 03/11/96)

Um restaurante italiano



Depois que meu amigo e grande cozinheiro francês, Allain Tortosa, deixou os ares de Santa Mônica, levado pelo dinâmico empresário, Américo Buaiz, para "chef" do Maison Bleu, perdemos, aqui, o maravilhoso reçanto gustativo. E o balneário empobreceu. Foi então, leitores, que

descobri em Vila Velha, A Cantina do Ettore, na Rua Constante Sodré, 510, de Ettore Ratti, italiano de boa gema e de feliz convívio, que serviu iguarias inesquecíveis, a mim e aos meus convidados – um desembargador e esposa e dois promotores de Justiça, todos gaúchos, hóspedes do Paiol da Aurora. Mais ainda,

o ambiente se avivou pelo fato de o desembargador – Dr. Balduino Manica e sua mulher, Regina – falar um italiano perfeito, com o proprietário Ettore.

Sei que muitos leitores já descobriram essa cantina, mas o maravilhoso que o sabor da existência nos reserva, no meio de tantas intempéries, deve ser sempre contemplado e revisto.

E aí vai o cardápio do almoço que nos foi, ritualmente, servido: Capelacio ala Vera – com recheio de ricota – (molho de tomate, alho e manjeriçã); Spaghetti alla carbonara (bacon, queijo parmesão, pimenta-do-reino e creme de leite com molho branco) e capelacio speciale (molho branco, gorgonzola, cogumelos frescos e salsinha).

Fui minucioso na descri-

ção, leitores, para que se comprazam pela imaginação. E não é preciso dizer que nos sentimos em plena terra italiana, terra de meu avô materno, o construtor Josefo, que levantava uma barrica de cal sozinho, nos seus quase dois metros de altura. A sábia comida nos aproxima, leitores, da terra e da seiva, E às vezes, de nossos ancestrais.

É verdade que ouvi de Elza dos pássaros, a frase: "Nejar, cuida-te!" Cuidei, na medida em que deixava Letícia, a Nuvem, invisível, comer junto comigo. E a alegria não é uma metáfora, é a silenciosa explosão da vida.

Carlos Nejar

(Extraído de "A GAZETA" de 06/06/96)

"32 Poemas"

MIGUEL DEPES TALLON

Bith é o pseudônimo do poeta Wilberth Claython Ferreira Salgueiro. Em 1990, Bith publicou um livro de **haicais**, titulado "**Digitais**", em que evidenciou um apurado domínio da técnica dessa secular forma de poesia japonesa. Agora, Bith retorna com "**32 Poemas**", que vem de publicar numa edição particular, ou como ele próprio qualifica, "**caseira**", de 64 exemplares.

Dessa feita, Bith comparece não só com seus haicais, em cuja técnica já se mostrara exemplar, mas, também, com poemas mais longos, inclusive sonetos, onde, como nos **haicais**, brande um estúpido domínio técnico-poético.

Vale a transcrição completa do exemplo que se segue, pelo esmero evidenciado:

**"absolutamente nada
carrega a palavra nada
sendo só, exceto nada
em torno de si é nada**

**escrevendo assim o nada
parece até mais que nada
se tudo repele o nada
para ser um sempre nada**

**somente quem sabe o nada
ouve, pega, cheira nada
dentro e longe desse nada**

**bebendo em busca do nada
poeta de quase nada
duas vezes sete nada"**

Num outro soneto, de estrutura inglesa (três quartetos e um dístico final), Bith poetiza a vida das madrugadas, "**de bar em bar**":

**"de bar em bar acaba a madrugada
nenhum barulho sai das padarias
marias terezas anas marílias
todas por si, por vezes, uma em cada**

**meio-fio, meia-lua - e tonto
esperando algum poema chegar
o poeta fica no seu lugar
assim. Irreversivelmente, pronto**

**ah, vã desventura do sofrimento
sempre maior a cada vão momento
em que a eterna, vã, esquina escura
nada traz para o poeta tristonho**

**na luta com o branco total do sonho
dorme no chão da poesia pura"**

Contudo, é mesmo como **haijin** que Bith parece superar-se, Veja-se o exemplo que se segue, onde o poeta graceja, inclusive com o seu pseudônimo:

**"um poema, sim:
bim bão, hic-me mais tintin:
somos um só, bit e "**

Ou, ainda, este outro:

**"conversa de bar
o que será que será
só pode ser úlcera"**

"**32 Poemas**" é, sob todos os aspectos, um lançamento que enriquece a poesia brasileira e - discussões bizantinas à parte -, principalmente, a capixaba. O volume pode ser obtido através da url <http://geocities.com/Athens/2212>

Vitória na cultura

Jorge Alencar

Os contornos de azul anil nos portais e janelas ganharam nova vida, fazendo com que a imagem branca das paredes seculares da Igreja do Rosário pareça um recorte, em contraste com o fundo de céu azul.



Após quatro anos em obras, a Igreja do Rosário abre suas portas à Procissão de São Benedito, no próximo dia 27, totalmente restaurada.

O imóvel, construído em 1765 e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), teve o telhado recomposto, ganhando, inclusive, uma tela de aço, para proteção do seu acervo. O piso voltou à conformação original, com tijolos de cerâmica. A secular imagem italiana de São Benedito, que foi levada em 1833 do Convento de São Francisco para a Igreja do Rosário, dividindo os devotos entre caramurus e peroás, está em um altar totalmente restaurado, assim como foi com os outros três altares e o restante do mobiliário da igreja.

Além da restauração, a igreja também foi adaptada para abrigar, na parte superior dos anexos, o Museu de Arte Sacra e da Devoção a São Benedito de Vitória. A restauração da Igreja do Rosário foi viabilizada com recursos da Lei Rubem Braga e apoio da Companhia Vale do Rio Doce. Ao todo, foram investidos R\$ 265 mil em obras de restauração da igreja e no entorno, inclusive com desapropriação e demolição de uma casa que ficava junto ao prédio histórico.

Como se verifica com a Igreja do Rosário, a nossa quatrocentona cidade tem muita história para contar e viver, mas não lhe faltam o vigor, a

qualidade e a variedade da produção cultural contemporânea. A nossa política cultural cunhou-se a partir dessa realidade de significado passado, valioso presente e promissor futuro.

O resgate e a preservação da memória e do patrimônio artístico e cultural, o incentivo às expressões contemporâneas de arte, com o apoio à produção, a capacitação de artistas e a difusão dos produtos culturais, a ampliação do número de espaços culturais e a potencialização dos já existentes, a formação de **Know-how** capixaba para a produção cultural, e a inclusão da cidade no roteiro nacional da cultura são os principais eixos norte-americanos de nossa política cultural.

Para a preservação de nossas tradições culturais, publicamos livros, calendários e pôsteres com registros históricos e fotos antigas, produzimos vídeos e incrementamos a revitalização do centro antigo da cidade. Esse trabalho foi priorizado a partir da premissa de que o conhecimento de nossa história e tradições nos permite aproximar ainda mais a cidade do cidadão.

A Secretaria de Cultura e Turismo foi transferida para o Mercado da Capixaba, um prédio em estilo neoclássico, construído na década de 20 e restaurado para esse fim. Essa mudança ocorreu na direção contrária ao movimento de esvaziamento do Centro, inclusive pelo poder público.

Iniciamos a captação de recursos para a restauração de um prédio histórico no centro da cidade, para abrigar o Centro de Memória de Vitória. E para a construção da sede da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim.

O projeto Memória Viva resgatou as histórias do dia-a-dia das tradições de Vitória em livros e fotografias, contanto e retratando a trajetória das desafiadoras de siri da Ilha das Caieiras e dos catraieiros da Baía de Vitória, a arte das paneleiras de Goiabeiras, a Procissão de São Benedito e a Festa de São Pedro na Praia do Suá. As manifestações populares, como a Puxada do Mastro de São Benedito, a Procissão Marítima de São Pedro, a Lira de Vitória, as bandas de congo e a Festa das Paneleiras receberam apoio.

Vídeo, CDs, livros, filmes, peças teatrais, shows, apresentações de dança, entre outras iniciativas, fizeram de Vitória um pólo produtor e difusor da cultura capixaba.

Foram mais de 45 lançamentos de livros, entre obras inéditas e reedições de publicações, histórias como **Biografia de uma Ilha**, de Luiz S e r a f i m Derenzi, e **Vitória Física**, de Adelpho P o l i Monjardim. Para a execução de todos esses trabalhos, foi utilizada mão-de-obra local, visando à capacitação de produtores capixabas.

Implantamos projetos específicos para várias áreas culturais. Com o Via Fafi, shows quinzenais na Escola de Arte Fafi, muitos músicos capixabas fizeram as primeiras gravações de suas músicas, fato possibilitado com a edição de quatro CDs do projeto. Na área de literatura, destaca-se o projeto Escritos de Vitória, com 17 edições, reunindo textos de vários autores sobre o cotidiano da cidade. A cidade promoveu três festivais de cinema e vídeo, o Vitória Cine Vídeo.

Incluimos a cidade no roteiro nacional da cultura, com a realização de grandes exposi-

ções, shows e mostras, como as de Juan Miró e Cartier-Bresson. Realizamos em Vitória o II Encontro Intermunicipal de Cultura, trazendo representantes de todo o país para o debate nacional da política cultural para a nossa cidade.

Promovemos a produção cultural, investindo na formação de novos artistas. Incrementamos a oferta de cursos na Escola de Arte Fafi. Por semestre, foram ministrados cerca de 17 cursos e oficinas, o que garantiu, gratuitamente, a formação artística a cerca de quatro mil pessoas, entre crianças, jovens e adultos.

Consolidamos e aprimoramos a Lei Rubem Braga, que funciona há cinco anos ininterruptos, com volume crescente de investimentos. Em quatro anos, a Lei Rubem Braga teve seus recursos quase triplicados. Em 1992, foram gastos US\$ 253 mil, contra US\$ 712 mil em 1995.

A democratização do planejamento e da execução da política cultural foi incrementada com a regulamentação e institucionalização do Conselho Municipal de Cultura, criado há mais de dez anos. Nesse sentido, também firmamos parcerias com a Universidade Federal do Espírito Santo, Aliança Francesa, Instituto dos Arquitetos do Brasil e Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Considerando-se a participação na receita disponível, o orçamento anual destinado à cultura mais que dobrou/ Passou de 0,72% em 1992 para 1,64% em 1996.

A entrega da restauração da Igreja do Rosário, um dos últimos eventos da administração Paulo Hartung, exemplifica bem o vigor que se imprimiu à cultura, um dos principais elementos de consolidação da cidadania.

Jorge Alencar ex-secretário de Cultura e Turismo da PMV

(Extraído de "A GAZETA" de 20/11/96)

"A restauração da Igreja do Rosário exemplifica o vigor que se imprimiu à cultura"

PROGRAMAÇÃO PARA O 1º SEMESTRE DE 1997

MARÇO

- 5 – Reabertura dos trabalhos após recesso de verão. Reunião da Diretoria aberta aos sócios. (RD-as)
- 12 – RD-as.
- 19 a 22 – Seminário Capixaba em homenagem ao IV Centenário do Falecimento do Padre José de Anchieta.

ABRIL

- 2 – RD-as Lançamento do Boletim.
- 9 – RD-as.
- 16 – 2ª Reunião Estadual de Núcleos Interioranos do Instituto.
- 23 – RD-as.
- 30 – Mesa Redonda coordenada pelo consócio Armando Marques Vieira sobre novos rumos para a agricultura capixaba. (*Nyder Barbosa e Lélío Rodrigues*).

MAIO

- 7 – Palestra do Sr. Nilo José Rezende Tardin sobre a recuperação da Bacia do Rio Doce.
- 14 – RD-as Lançamento da Revista nº 48.
- 21 – Assembléia Geral Ordinária para prestação de contas, eleição de novos sócios e assuntos gerais.
- 28 – RD-as.

JUNHO

- 4 – RD-as.
- 11 – Sessão solene: Homenagem ao IV Centenário do falecimento de ANCHIETA, 180 anos do arcabuzamento de Domingos José Martins, homenagem aos sócios falecidos e posse de novos sócios.
- 18 – RD-as.
- 25 – Almoço semestral de conagração dos sócios.